

## DEBATE:

### A IGREJA, A POLÍTICA E A ESQUERDA

Com o objetivo de discutir, de forma livre e polêmica, questões relativas à Igreja, à política e à esquerda, ao papel das comunidades de base no movimento popular, e às transformações na própria estrutura eclesial, reunimos em uma mesa-redonda três personalidades ligadas ao processo de renovação da Igreja brasileira e um intelectual marxista, ex-seminarista e ex-militante cristão<sup>(1)</sup>. São eles:

- Francisco Benjamin de Souza Netto, ou D. Estevão, monge beneditino, 43 anos, teólogo, professor de filosofia da UNESP, assessor do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB e do CEDI (Centro ~~de~~ Ecumênico de Documentação e Informação);

- Maria Nilde Mascellani, pedagoga, 49 anos, especialista em planejamento educacional pelo Instituto Latino-Americano de Educação, professora da Faculdade de Psicologia da PUC de S. Paulo, assessora de pesquisas e preparação de agentes pastorais de diversas arquidioceses, dioceses, ~~e~~ <sup>antigo</sup> prelaças e do Instituto de Pastoral Vocacional da CNBB (hoje ~~INP~~ Instituto Nacional de Pastoral);

- Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, irmão religioso dominicano, ~~43~~ anos, teólogo, ex-militante de Ação Católica, atual membro da Pastoral Operária do ABC, assessor de Comunidades Eclesiais de Base, pertencente a Associação Internacional dos Teólogos do Terceiro Mundo e autor de vários livros;

- Duarte Pacheco Pereira, jornalista, 41 anos, ex-aluno de Filosofia do Seminário Central da Bahia (de onde saiu em 1958), fundador de Ação Popular, ~~ex~~ cristão-marxista entre 1965-67, e hoje simplesmente marxista, ~~autor~~ colaborador do jornal "Movimento" e autor de vários artigos e trabalhos referentes à problemática entre cristãos e marxistas no mundo atual.

Conduziram o debate Sérgio Buarque de Gusmão e Helena Salem.

---

(1) A mesa-redonda se realizou na PUC de S. Paulo, em agosto de 1980.

- A primeira questão que gostaríamos de colocar é a seguinte: como uma Igreja basicamente conservadora na sua estrutura conseguiu realizar uma experiência tão renovadora como foi o Concílio Vaticano II, depois Medellín e mais recentemente Puebla? E, a partir daí, qual seria, na avaliação de cada um, o grau de compromisso efetivo da Igreja dentro daquilo que ela atualmente define como a sua linha principal, ou seja, a opção preferencial pelos pobres?

Benjamin: No que concerne ao Vaticano II, creio que ele opera um grande desbloqueio, na medida em que mexe com uma porção de pontos até então intocáveis pelos padres. Não que fossem grandes novidades, mas simplesmente não eram objeto de questão, de discussão no interior da Igreja. O Concílio instaura um debate numa Igreja que não debatia, ou, quando o fazia, era apenas a portas ~~fechadas~~ fechadas, em bastidores. Ele contrapõe à burocracia da Cúria uma Assembleia de Bispos, convocada segundo todos os cânones, pela autoridade competente, e que durante todo o tempo de sua realização se sobrepõe a toda a burocracia da Cúria.

Evidentemente, o combate começa justamente pelo debate que se trava entre a Cúria e os conciliares, só que a partir daí uma instância competente (a Assembleia de Bispos) determina que ~~suspensão~~ se poderia empreender reformas em diversas esferas - desde a litúrgica à organização do poder dentro da Igreja. E isso <sup>com</sup> fez que se ~~levantasse~~ levantasse uma série de questões, cuja solução se desenvolve numa linha que não era exatamente a da política precedente dentro da Igreja, e inclusive colocando outras problemáticas muito além daquelas contempladas ~~antes~~ diretamente pelo próprio Vaticano II.

Queria no entanto chamar a atenção para duas limitações do Concílio. Primeiramente, no que diz respeito ao teor das reformas: e na minha opinião, o Vaticano II foi um Concílio de bispos despreparados ~~para~~ e que tiveram de confiar a sua participação em grande parte a peritos, e teólogos, e isso permitiu que ~~emergisse~~ <sup>la</sup> emergisse um pensamento, uma orientação, diretrizes que não tinham por sujeitos reais tantos bispos ~~quanto~~ quanto seus peritos, ~~quanto~~. Lembro que se comentava, nos anos que se seguiram ao Concílio, que os bispos talvez não tivessem pensado o suficiente, de modo maduro, em tudo aquilo que haviam votado.

De qualquer maneira, o Concílio Vaticano II de fato desencadeou um desbloqueio. Só que, uma vez desmobilizada a Assembleia, volta a vigorar a velha burocracia, no que se relaciona com as decisões realmente válidas e determinantes da vida da Igreja. Conta-se até mesmo uma piada a esse respeito. Um cardeal, que não sei o nome, teria dito: "Perdemos todas as batalhas, mas ganharemos a guerra".

Uma segunda limitação do Concílio, creio, foi o teor qualitativo de seus

participantes - bispos e peritos. Em geral, esse pessoal expressou concepções, a propósitos e projetos de classe média. Basta ver o que foi a reforma litúrgica, em que direções ela se orientou e como, ~~reconstruída~~ por exemplo, no caso particular do Brasil, ela passou tranquilamente à margem ou por cima do fato de <sup>aqui</sup> existir certas tradições populares, formas de religiosidade popular, enfim um catolicismo do povo. É só num segundo momento (em relação ao qual o Vaticano II pode se considerar também um desbloqueio), face à impossibilidade de se implantar <sup>no país</sup> tal reforma ao pé da letra, que vão ser reassumidos certos valores, ou que se vai assumir ~~em~~ face ao popular atitudes de mais respeito.

María Nilde - Resumidamente, acho que a partir de, aproximadamente, a década de 50, a Igreja <sup>como instituição</sup> universal centrada no Vaticano vai-se dando conta da perda de poder, da perda de espaço, de seu rebanho e começa com uma série de questionamentos, que <sup>chegam a</sup> se explicitam inclusive numa falta de vocações sacerdotais e religiosas, no ~~esvaziamento~~ esvaziamento das paróquias, especialmente nas áreas urbanas - quer dizer, a desvinculação da ~~população~~ população aos padrões que a Igreja vinha mantendo, aos padrões convencionais. Isso ocorre ao mesmo tempo em que a Igreja prega como preferencial o Evangelho. E o Evangelho carrega todo o conteúdo de fraternidade, de solidariedade humana, de valores humanos e morais, aos mais sofridos, aos menos privilegiados, aos mais pobres. →  
→ Em outras palavras: no âmbito da sociedade global há uma percepção de que a Igreja como instituição não leva à prática esse tipo de discurso fraterno.

Por outro lado, ~~uma análise sociológica, ainda que superficial, nos levaria a perceber que essa constatação~~ <sup>parte</sup> uma análise sociológica, ainda que superficial, nos levaria a perceber que essa constatação <sup>própria</sup> da Igreja da perda de seu espaço social, do espaço político, quase do espaço histórico, faz com que ela dê uma parada para pensar, para refletir e buscar uma outra posição. Então, aí surge o Vaticano II, e, depois, toda uma preocupação voltada para o Terceiro Mundo, os países economicamente menos desenvolvidos, dependentes ou periféricos, onde estaria concentrada a pobreza, as classes subalternas. Inevitavelmente, vai-se concluindo que também ~~nesses países~~ nestes países está o capitalismo, todo um processo econômico que esmaga.

A Igreja realiza que é preciso dar <sup>uma</sup> nova forma a ~~essa~~ <sup>sua</sup> proposta evangélica, até com uma mudança de linguagem. Mas aí ela começa a enfrentar uma série de contradições, por exemplo com o mundo europeu, com o cristianismo convencional, com a hierarquia conservadora e retrógrada, com a formação dos religiosos. Há todo um despreparo dos bispos, como assinalou o Benjamin, e eu acho que, queiramos ou não, em todas as mudanças que a Igreja pretendeu, pretende ou está levando à frente, a hierarquia é uma coisa muito concreta para ser ~~levada~~ <sup>tida</sup> em conta. Ao que me consta, só acontece nas bases o que a hierarquia realmente permite que ocorra. Mesmo porque, ela tem um poder ~~enorme~~ enorme e existe um princípio de obediência e de disciplina interna dentro da instituição que acaba bloqueando o processo, se esse processo não for conveniente ~~segundo~~ segundo o modo de pensar ou a proposição de uma determinada autoridade, num determinado local, ainda mais considerando esse esquema <sup>de</sup> descentralização e de democratização das dioceses e prelaças, onde os responsáveis parece <sup>m</sup> que tem mais independência para agir.

Frei Betto - Na minha opinião, vários fatores concorreram para a mudança ocorrida na Igreja brasileira nos últimos anos. Do ponto de vista subjetivo, acho que o fator básico é a Igreja ter como referência fundamental esse potencial ideológico e simbólico popular, encarnado, condensado no Evangelho.

Um segundo fator é, como já foi dito, o Concílio Vaticano II - para mim, ele democratizou a Igreja, ele colocou para a sociedade moderna que a Igreja como tal pode ser discutida e questionada, na medida em que o tema do Concílio foi a Igreja e ao mesmo tempo, de certa forma, ele refletiu um anseio de democracia interna dentro da ~~instituição~~ instituição eclesial (embora esse anseio não tenha ainda se cristalizado em ~~alguns~~ mecanismos internos dentro da instituição). E enfim, de qualquer ~~forma~~ <sup>forma</sup>, ele abriu um espaço para a democracia dentro da Igreja como instituição.

Outro fator é também a Conferência de Medellín - uma tentativa de adaptar o Vaticano II à realidade latino-americana, de criar uma linguagem latino-americana a respeito da missão da Igreja num continente onde a opressão das massas populares constitui o principal problema. Isso representou um apelo

4  
a uma ação evangelizadora de conteúdo, pelo menos teórico, libertador.

Mas não creio que tenha se colocado para a Igreja uma questão de busca de poder, de busca de espaço, porque se nós considerarmos que a sociedade brasileira, como a sociedade latino-americana em geral, é dividida em classes sociais antagônicas, e que a Igreja se constitui por pessoas dessas diferentes classes, então <sup>eu</sup> diria que ela ~~representa~~ <sup>efetivamente</sup> reflete essa contradição de classes da sociedade como um todo. Verdade que refletia menos anteriormente, porque justamente a autocracia predominava de um modo muito mais efetivo do que após o Concílio.

No caso do Brasil, temos também a experiência da Ação Católica, que foi um movimento elitista sem dúvida alguma, mas que abriu um espaço para a discussão e posicionamento dentro da própria Igreja. E, na medida em que o problema ~~representa~~ das classes populares foi emergindo no espaço representado pela Igreja, sobretudo a partir do golpe de 1964, quando todos os mecanismos de representatividade popular foram cerceados pela ação do Estado, a Igreja vai-se justamente tornando procurada pelas classes populares para expressão de sua voz e reorganização de suas forças. E a Igreja se prestou a esse papel, até certo ponto independente da hierarquia.

Tenho visto caso<sup>s</sup>/em que, realmente, inúmeros bispos brasileiros são convertidos por esse processo social que passou a ter um lugar privilegiado no espaço ~~representado~~ pela Igreja. Há uma série de dioceses no Brasil em que os bispos foram nomeados para freiar esse processo e acabaram sendo convertidos por ele. Citaria especificamente três exemplos clássicos: o de D. Pedro Casaldáliga, que veio para o Brasil como secretário do Concílio na Espanha e pertencia a uma das congregações mais conservadoras, inclusive aqui no Brasil, e que no entanto foi convertido pelo processo social de sua diocese; o de D. Moacyr Brechi no Acre; e agora o de D. José Patrick em Conceição do Araguaia, com uma diocese tradicionalmente dominicana. Ele foi nomeado com o intuito de acabar com os problemas de segurança nacional que a Igreja, junto com os posseiros da área, criava no país. Um mês depois de haver tomado posse, também já estava indiciado na Lei de Segurança Nacional.

Então, parece-me o seguinte: que está havendo uma certa implosão ideológica ~~representada~~ na Igreja representada por uma série de fatores. Um deles também é o processo de secularização que a Igreja enfrentou, nos últimos anos, ou seja, a quebra das barreiras que separavam aqueles que detém o poder na instituição - os padres e bispos - dos costumes sociais, da mentalidade moderna de várias formas de articulação da sociedade civil. Então, esse entrelaçamento que se torna cada vez melhor, permitiu <sup>que</sup> outras janelas, outros respiradouros fossem abertos dentro da instituição. E acredito que dificilmente a instituição conseguirá recuperar uma aparente unidade como outrora havia dentro de uma sociedade tão contraditória como a nossa.

Enquanto essa sociedade permanecer com as suas contradições tão evidentes, elas irão se refletir necessariamente no interior da instituição e, portanto, creio que é idealista tanto a postura de quem acha que a Igreja unitariamente vai assumir uma posição progressista, como quem acha que unitariamente ela assumirá uma posição conservadora. Parece-me que ela há de ~~se~~ refletir, ainda por um largo tempo, as tensões que existem na sociedade.

Duarte: Eu gostaria de partir da constatação de um fato hoje indiscutível: setores expressivos, não <sup>so</sup> da Igreja Católica como de outras Igrejas cristãs, encontram-se decididamente ao lado dos operários, dos camponeses e de outros setores populares. Isso se manifesta visivelmente, quer no apoio dado às lutas imediatas, como no recente <sup>episódio</sup> ~~caso~~ do movimento grevista no ABC, ou no caso da Igreja de São Felix e as lutas camponesas na área, ou ainda e ~~em~~ <sup>em</sup> solidariedade da Igreja de Goiás Velho à luta dos posseiros e índios de sua circunscrição.

~~Além disso, apoio às lutas imediatas, apoio que a unidade tem com~~  
~~o trabalho em conjunto e o respeito de importantes setores sociais com~~  
~~o contato direto dos camponeses, visando uma transformação social mais profunda,~~  
~~uma solidariedade que se manifesta no recente episódio de ligação que está ocorrendo~~  
~~aberto em El Salvador, reflexos desse fenômeno novo.~~

Para o pensamento revolucionário e marxista, tudo isso constitui realmente um acontecimento novo - ou seja, a possibilidade de cristãos, sacerdo-

tes, setores minoritários da Igreja apoiarem em determinadas circunstâncias lutas progressistas dos trabalhadores. ~~Na tentativa, no sentido marxista-tradicional, de compreender a situação, foi apanhado o conceito de "poderão" como um tipo de poder econômico, quantitativo, que se avalia não tanto em termos de quantidade de instituições, de conjuntos dos poderes econômicos, mas em termos dos recursos humanos e materiais que se encontram disponíveis para a luta social. Hoje há uma tendência de avaliar a situação de hoje em termos de quantidade de instituições, de conjuntos dos poderes econômicos, mas em termos dos recursos humanos e materiais que se encontram disponíveis para a luta social. Hoje há uma tendência de avaliar a situação de hoje em termos de quantidade de instituições, de conjuntos dos poderes econômicos, mas em termos dos recursos humanos e materiais que se encontram disponíveis para a luta social.~~

De acordo com essa é uma realidade que tem de ser avaliada, analisada, de modo a se verificar os efeitos que traz, de um lado, para a evolução do cristianismo, e, de outro, para a evolução da própria luta popular e operária.

Bem, quanto ao que poderia explicar todo esse fenômeno, tenho algumas observações a fazer. Primeiro, acho que é necessário não se incorrer em qualquer interpretação idealista desse processo, atribuindo-se a ele apenas uma conotação moral, de conversão ao verdadeiro evangelho dos tempos primitivos, uma identificação mais profunda com a fé cristã, enfim, uma coisa que teria ocorrido ~~sempre~~ sempre por iniciativa pessoal, voluntária. Da mesma maneira que seria errôneo analisar historicamente a transição do cristianismo primitivo para a Igreja à luz de um processo moral (os cristãos daquela época "traírem" a fé dos primeiros apóstolos...), seria ~~uma~~ incorreto também interpretar hoje esse movimento no sentido inverso, como uma iniciativa puramente pessoal de identificação com a fé dos ~~primeiros~~ primeiros tempos, etc.

Também seria uma explicação idealista resvalar para um tipo de interpretação meio conspiratório, no sentido de que esse processo ocorre porque certos setores da Igreja (particularmente as cúpulas mais conservadoras), temerosos de perder terreno e influência sobre as massas, passam a fazer uma espécie de manobra de encampar determinadas bandeiras, aproximar-se de setores populares, como um meio de ~~se~~ manter a influência. Embora isso de fato ocorra

em determinados setores (algumas partes da hierarquia), não acho que o fenômeno da transformação da Igreja se explique basicamente por si. Ao contrário, na minha opinião, ele se enquadra dentro de um movimento histórico, mais amplo, que transcende a própria Igreja. Então, a meu ver, a explicação deve começar fora da Igreja, pelos processos objetivos e subjetivos que vem marcando a evolução das sociedades contemporâneas, já há algumas décadas.

Um primeiro elemento a ser considerado é o próprio desenvolvimento do capitalismo nas últimas décadas, após a Segunda Guerra Mundial - desenvolvimento este que, pela sua própria natureza, leva a uma socialização crescente de todo o processo produtivo. As formas de vida individual fechadas sobre si mesmas vão sendo quebradas, instituindo-se cada vez mais as formas coletivas a partir do próprio processo produtivo, ao nível da superestrutura. Inclusive, nós sabemos que o fenômeno da socialização está na origem de muito da evolução progressista do pensamento católico recente, marcando o pensamento de um Teilhard de Chardin, um ~~Erasmus~~ <sup>Erasmus</sup> Moulier, refletindo-se até em João XXIII na sua "Mater et Magistra".

Paralelamente, há também um processo de expansão do capitalismo pelo mundo, de importação crescente de capitais, conseqüentemente de uma exploração cada vez maior dos países pobres mais atrasados acarretando um desenvolvimento desigual gritante entre nações. Em suma, um desequilíbrio gerado pelo próprio sistema imperialista mundial, através da opressão colonial e semi-colonial de grande parte da humanidade.

Por outro lado, ~~verifica-se~~ verifica-se ~~ainda~~ um fortalecimento objetivo da classe operária, seu crescimento enquanto classe pelo mundo afora, e sua concentração, a elevação de seu nível de instrução. Da-se ainda o fortalecimento dos diferentes movimentos populares e dos movimentos de libertação nacional dos países dependentes coloniais.

Portanto, a raiz desse processo que a Igreja vive atualmente está no próprio processo social e histórico no qual estamos inseridos, de fortalecimento crescente dos operários e de outras camadas próximas de trabalhadores. A realidade vai colocando diante de nós, e de todos os cristãos, um fato evidente: o agravamento dos problemas sociais e a necessidade premente de solu-

ções profundas, inclusive já apontando e emergindo a partir da própria luta dos trabalhadores.

Ao lado desses fatores objetivos, acho que existe também fatores subjetivos ainda externos à Igreja. Um deles o Betto já citou: a secularização que se impõe ~~totalmente~~ a todo o pensamento contemporâneo e que vai quebrando com aquelas formas de religiosidade mais tradicional de entender, de ver, de organizar a fé cristã. Outro dado subjetivo importante é, inegavelmente, a influência crescente do pensamento marxista sobre a cultura contemporânea, tanto no que diz respeito ao pensamento católico mais diretamente, como no conjunto das ciências sociais e na própria filosofia. Isso acabou tendo um reflexo sobre o próprio pensamento cristão e católico.

Partindo desse contexto mais amplo, temos então melhores condições de entender o que se passa na Igreja e seus desdobramentos. Então, eu concordo com a Maria Nilda quando ~~ela~~ ela aponta a crise da Igreja convencional, quer dizer, da maneira convencional de entender a fé e a moral cristã, as formas tradicionais de culto, etc. ~~Essa~~ Essa Igreja tradicional entrou em crise e de uma maneira sempre mais ~~visível~~ visível pelo mundo todo. Face a essa realidade, vemos nos meios cristãos, com frequência, a possibilidade de se desencadearem grandes reações: <sup>por exemplo</sup> a "defesa para trás", a cristalização mais forte nas formas ultrapassadas de viver a fé ~~na Igreja~~ da Igreja organizada nos Concílios medievais, na liturgia em latim, supondo que qualquer alteração desses princípios significaria colocar em cheque a própria <sup>sobre-</sup> vivência da Igreja, ~~ou seja~~ Digamos, é a reação típica de um D. Sigaud, de organização Tradição, Família e Propriedade (de extrema-direita), etc.

Uma outra reação, conservadora, mas digamos inteligente, é a daqueles que desejam preservar no fundamental o papel da Igreja a serviço da manutenção da ordem econômica e social baseada no capitalismo, na dominação burguesa, mas compreendendo que essa dominação não pode se dar mais nas moldes tradicionais, da mesma maneira que a própria religião, para preservar seu papel social, não pode conservar-se no esquema anterior. Seria necessário se fazer certos reajustes. A partir daí, gera-se uma tendência reformista ilusória, visando re-guardar a Igreja, preservando-a em seu papel tradicional.

finalmente, há uma terceira reação possível que, a partir dessa crise da Igreja convencional, tenta entender as suas raízes e, ao fazer isso, promove realmente uma ~~nova~~ remodelação em profundidade não só da estrutura da igreja, das ~~formas~~ <sup>de</sup> ~~processos~~ culto, mas inclusive da sua própria concepção de fundo, da compreensão do que é a fé cristã e sua relação com o desenvolvimento histórico. Então, acho que aí, quando se assume esta perspectiva, confirma-se o papel decisivo ~~de~~ dos fatores externos da igreja. Isso porque, no meu entender, ~~todo esse~~ processo <sup>em parte</sup> que eu pude acompanhar ~~de~~ viver pessoalmente, ~~a~~ começou exatamente pela base da Igreja. Começou, como o Betto dizia e eu concordo inteiramente, ~~a~~ com o <sup>o</sup> movimento <sup>de</sup> Ação Católica, que justamente se encontravam na fronteira entre a Igreja como instituição e outros movimentos sociais. <sup>- através da JUC, JOC, JEC, ACO -</sup> Foi por aí que mais rapidamente penetrou ~~a~~ na Igreja a influência dos novos processos, ~~novos~~

~~Entretanto, é importante lembrar que este processo de renovação da Igreja, que se iniciou no âmbito dos movimentos sociais da década de 60, não se limitou apenas à base da Igreja, mas também atingiu a hierarquia, através dos movimentos de sacerdotes, religiosos e leigos, que se articularam em torno de núcleos de reflexão e ação, contribuindo para a transformação da Igreja e da sociedade.~~

Assim, ~~uma~~ através dessa análise histórica, podemos entender o ~~entrelaçamento~~ entrelaçamento do processo interno da Igreja com o movimento mais amplo da sociedade. Uma confirmação disso é que tal processo não está se dando ~~x~~ só com a Igreja Católica, mas também com outras Igrejas evangélicas, e até mesmo com outras religiões, como é o caso recente dentro da fé muçulmana, de correntes budistas na Ásia, e etc.

Bem, em função dessa realidade, eu tenderia a relativizar mais certas referências feitas aqui ao papel do Concílio Vaticano II <sup>e</sup> de Medellín, no sentido de que eles ocorrem exatamente em um momento em que essas coisas já estavam em andamento no seio da Igreja. O Vaticano II já é fruto da pressão que vem da base e de fora da Igreja, mais do que da hierarquia. Em segundo lugar, ainda, creio que é necessário se distinguir as duas fases do Concílio:

a que se realizou sob a direção de Joao XXIII e a sob a influência de Paulo VI. Sem dúvida, a segunda fase levou a uma solução de compromisso em relação a alguns problemas, desde a questões teológicas de fundo a outras menores, de organização da igreja. Lembro, por exemplo, que Paulo VI retirou as deliberações do Concílio a respeito do celibato, arrogando a si próprio o direito de decidir sobre o assunto, posteriormente à realização do Concílio. Isso pode parecer uma questão menor, mas, no meu entender, ela se vincula a toda uma determinada concepção de igreja, no seu relacionamento com o povo, a sua integração.

Acho que o Concílio, do ponto de vista da história recente da Igreja, tem um papel muito contraditório. De um lado, ele realmente procurou dar maior liberdade de atuação às correntes renovadoras, generalizando no seio da Igreja o debate de temas antes proibidos. Mas, por outro, ele não foi até o fim desses debates e não abriu <sup>a</sup> possibilidade de que ~~as~~ diversas decisões ambíguas lá adotadas se desdobrassem <sup>posteriormente,</sup> bloqueando dessa forma a continuidade do processo de renovação. Já sob o pontificado de Paulo VI, começou a haver concretamente esse entrave, com uma tentativa de arrefecer o ânimo das transformações em andamento, e, ~~mas~~ creio, agora, com João Paulo II, essa tendência aparece de maneira mais clara.

Como última observação, quero destacar que, embora ~~se~~ eu considere que esse processo interno da Igreja tem suas razões profundas num processo <sup>(social)</sup> mais amplo, não pretendo negar com isso ~~que~~ sua dinâmica interna particular assim como os reflexos desse processo sobre o conjunto do movimento social. Ou seja: as transformações ocorridas dentro da Igreja vão também contribuir para o próprio processo de luta da classe operária, dos demais trabalhadores, do movimento de libertação nacional em vários países do mundo, ~~contribuindo~~ ~~ajudando~~ ~~o~~ ~~seu~~ ~~desenvolvimento~~, ~~o~~ ~~acelerando-o~~, <sup>o</sup> ~~combatendo~~ ~~as~~ ~~formas~~ ~~mais~~ ~~alienantes~~, ~~obscurantistas~~, de entender a fé cristã.

~~Estas~~ Frei Betto - So queria colocar mais um fato, de ordem ideológica, que talvez ajude a explicar essa tendência hegemonicamente progressista da Igreja hoje no Brasil.

Sabe-se que, historicamente, a burguesia se apropriou ideologicamente da doutrina cristã, passando a deter, não só a sua leitura, a elaboração e a interpretação, mas a própria difusão dessa doutrina. Com o golpe de 1964 e toda a formulação de uma doutrina de segurança nacional, própria do regime, ocorreu que, pela primeira vez, o Estado no Brasil não recorreu à doutrina cristã como um de seus suportes ideológicos. Pelo contrário, essa laicização do pensamento militar, encarnado no Estado brasileiro, fez com que se evidenciassem as contradições entre a estrutura da ~~ideologia~~ <sup>ideologia</sup> de segurança nacional e <sup>estruturado</sup> o pensamento cristão, já como um reflexo do que se passava nas bases. Então, parece-me que esse foi um dos fatores que, não só ajudou <sup>ou</sup> a Igreja a adquirir uma postura e visão independentes face ao Estado, como também levou a que se desencadeasse uma perseguição aos membros da Igreja, ao seu trabalho pastoral, pela própria impossibilidade do regime em aceitar que a Igreja se vincule às aspirações populares, ~~que~~ <sup>e que</sup> a doutrina cristã legitime a postura libertadora assumida por parcelas da base da ~~parcial~~ Igreja e os movimentos populares no Brasil.

- Betto, quando voce fala que ~~que~~ o setor progressista seria hegemônico na Igreja brasileira, quer dizer exatamente o quê? Poderia desenvolver melhor?

Frei Betto - Acho que é hegemônico tomando como referência os documentos aprovados nos últimos anos pelo conjunto daqueles que oficialmente representam a Igreja no Brasil. São efetivamente documentos, pelo menos, de tendência progressista. Isso não significa que, na prática, a Igreja no seu conjunto tenha um trabalho progressista, mas ela abre espaço para ~~esse trabalho~~ ele. É importante observar que esse trabalho não só reflete a postura da Igreja dentro do país mas também fora ~~do~~ do Brasil. É o que leva, por exemplo, certos setores de Roma a terem uma preocupação muito grande com a Igreja no Brasil, que é considerada a Igreja mais avançada do mundo.

Então, quando falo <sup>em</sup> hegemonia do setor progressista não pretendo que a maioria dos católicos ou dos bispos brasileiros tenham com clareza uma postura progressista. Não é nesse sentido. Inclusive, eu retomaria o que o Duarte disse. Todo esse fluxo que se passa na Igreja já é consequência de um fluxo que ocorre na base social, dentro das contradições da evolução capitalista. Independente deste ou daquele bispo, é ele que gera o movimento interno à Igreja.

María Nilde - Betão, eu queria fazer uma observação a respeito do que você disse sobre os documentos do Governo e a Doutrina de Segurança Nacional. Em princípio, eu não concordaria com você quando diz que eles deixaram de lado os apelos à religião. Acho, sim, que eles invocam aquela igreja tradicional, a igreja de sacristia, da mesma forma que ~~afirmam~~ <sup>afirmem</sup> que os professores devem permanecer nas escolas, os trabalhadores nas fábricas, etc. Enfim, uma igreja separada da sociedade, sem qualquer engajamento social.

Frei Betto - Concordo com você nesse particular. Mas o que eu quis destacar é que, nos ~~documentos~~ documentos oficiais, há uma linguagem evidentemente mais laicizada, ao contrário do que acontecia no passado, em que o poder civil procurava de certa forma incorporar sua ~~linguagem~~ linguagem àquela cristã tradicional.

eu não sei se você, como educadora, concorda com isso. No governo civil anterior a 1964, havia quase que uma obrigatoriedade de aulas de religião nas escolas, as quais foram substituídas - depois do golpe - pelas aulas de Educação Moral e Cívica.

María Nilde - Exatamente. Há uma substituição de conteúdo na proposta, mas em cima da afirmação de valores ~~tradicional~~ da Igreja tradicional. O homem moral é supostamente religioso - enfim, para ser útil à Pátria, ele tem que ser moral e religioso. As aulas de religião foram substituídas pelas de Moral e Cívica, é verdade, mas frequentemente elas são assumidas por religiosos, escolhidos propositadamente.

Frei Betto - De fato. Ou até podemos lembrar que o primeiro presidente do Mobral, que organizou o próprio Movimento Brasileiro de ~~Alfabetização~~ Alfabetização, foi um padre.

María Nilde - E que a Comissão Nacional de Moral e Civismo teve também padres.

Frei Betto - Gostaria, também, de retomar um ponto que o Duarte levantou - e acho que muito bem - relativo à postura do que ~~ele~~ ele chamou de esquerda tradicional. Eu usaria uma expressão mais paradoxal, que é a do marxismo dogmático, a respeito da religião no seu conjunto, na qual entraria o catolicismo.

A meu ver, no Brasil, essa incapacidade da esquerda, da intelectualidade marxista de entender o fenômeno da religião e, genericamente, inclusive o fenômeno do candomblé, da macumba para o qual ainda se olha com muitos preconceitos, numa visão elitista (ou mesmo colonialista), - é fruto da importação de todo o doutrinário de esquerda, que não leva em conta a própria postura dialética que Marx e Engels sempre tiveram. Ou seja, encara-se a religião como algo a ser extirpado, como puro reflexo da imbecilidade popular, e não como um fenômeno sócio-cultural, com um conteúdo particular. Analisando a sociedade em que ele viveu, Marx coloca a religião como ópio do povo, ~~mas Engels~~ <sup>MAS</sup> por outro lado, ao estudar a Palestina no século I e o Império romano, Engels considera a religião um fator de libertação.

Então, não existe um preconceito em relação ao fenômeno religioso, mas uma análise a partir do que ele representa dentro de determinada formação social. Não se discute o conteúdo desse fenômeno <sup>- a questão de Deus, por exemplo -</sup> ~~mas~~ porque extrapola a análise científica e social. ~~seria o mesmo que a~~ <sup>seria o mesmo que a</sup> gente dizer que poderíamos analisar o conteúdo da relação de amor entre pessoas. Agora, tendo importado essa concepção dogmática em relação à igreja, e a estendido <sup>para</sup> ~~em~~ a realidade brasileira, a intelectualidade de formação marxista no Brasil simplesmente negou ou esqueceu inteiramente o fenômeno religioso, e <sup>hoje</sup> ~~agora~~ se surpreende com a emergência da Igreja, dos cristãos, dentro do cenário político e sua ~~visão~~ <sup>visculação</sup> com os movimentos populares.

A bibliografia a respeito é ainda muito pobre e reflete um pouco essa dificuldade, essa perplexidade mesmo. Parece-me que a experiência da Nicarágua, que mal se inicia, traz de qualquer forma um elemento novo, ou seja: o de revelar justamente que é possível a reapropriação do cristianismo pelas massas populares. E isso ocorre na medida em que, na América Latina, o cristianismo não é um fator meramente gerido por uma instituição como a Igreja, mas faz parte da índole do povo, da cultura, dos valores, e, eu diria, no caso do Brasil como da Nicarágua, da nacionalidade.

Esse fenômeno já é muito explícito ~~nesses países~~ dos países do Oriente em relação à religião muçulmana, <sup>onde</sup> ~~onde~~ as experiências <sup>Revolucionárias</sup> ~~socialistas~~ <sup>passam</sup> necessariamente por essa índole muçulmana, ou então não poderiam se implantar.

Isso de certa forma tende a se repetir no conjunto da América Latina e especificamente no Brasil. Será também para a Igreja um desafio enorme na sua capacidade de equacionar toda essa problemática de fé e política.

- O Betto antecipou-se numa questão importante que desejávamos colocar e que poderíamos reduzir a uma pergunta: a esquerda brasileira estaria compreendendo o que acontece atualmente na igreja?

Dez Duarte - Partindo da pergunta como foi formulada, creio que a esquerda, realmente, esta encontrando dificuldade de entender todo esse processo, porque em grande parte ele de fato surpreende. E isso ~~acontece~~ acontece na medida em que persiste, em larga escala, essa visão de que a religião é necessariamente, sempre, o opio do povo, alienante, desengajada da luta, sem qualquer compromisso com a realidade concreta, pregando apenas a felicidade numa vida posterior à morte e inculcando assim no povo uma atitude apenas de fatalismo, resignação, etc.

Por outro lado, acho que os cristãos progressistas as vezes não levam em conta que esse tipo de religião ainda tem muita vitalidade no Brasil, que para a grande massa <sup>a religião</sup> ~~da~~ ainda é a fuga, a solução para o filho que está doente, os casamentos desfeitos, as angústias pessoais, a miséria. É jogar na loteria e fazer promessa para ver se ganha e melhora de vida.

Acho também que, sobretudo nas correntes de esquerda que se inspiram no marxismo, ocorreram dois fenômenos: primeiro, talvez um entendimento incompleto da posição marxista a respeito da religião, das diferentes formas de religião e de fé; e segundo, a incapacidade de continuar acompanhando o desenvolvimento das diferentes religiões, ~~religiosas~~ de acordo com o espírito científico de Marx e Engels, que sempre analisaram devidamente os fenômenos ~~acompanhando~~ e suas transformações.

Geralmente, a idéia predominante em muitos círculos marxistas é muito pobre a respeito da análise ~~de~~ de Marx sobre a religião, ficando apenas nessa afirmação genérica de que ela é o opio do povo. Curiosamente, esta é uma afirmação do jovem Marx, portanto uma afirmação do pensamento pré-marxista, ainda muito envolvido numa problemática hegeliana. É verdade que, em parte, esses pensamentos são muito coerentes com a evolução posterior do pensamen-

to de Marx. Mas, de qualquer jeito, não está aí o mais específico da produção marxista sobre o problema da religião. ~~Então nós vamos encontrar~~ vamos encontrar textos onde esse pensamento surge de uma maneira mais sistemática, como o <sup>s</sup>de Engels sobre o cristianismo primitivo, sobre as guerras camponesas na Alemanha, ~~em~~ a sua própria correspondência pessoal, <sup>em</sup> em comentários de livros ~~sobre~~ relativos a ~~problemas~~ problemas religiosos de sua época. Então, veremos que a análise marxista é muito mais multilateral. A idéia básica é ~~que~~ que a religião, por um lado, protesta contra a dominação, a exploração, <sup>mas, por outro, ~~ela~~</sup> não vai à raiz dos problemas, ~~que~~ não apresenta uma solução efetiva. ~~Na~~ Na análise de Marx e Engels existe a articulação dos dois aspectos, e não necessariamente apenas esse aspecto do ópio do povo, do engano.

Engels

Por exemplo, o caso do cristianismo primitivo. ~~Ele~~ alerta para o fato de que o cristianismo da época não apresentava uma alternativa consequente para o problema da escravidão, da dominação do império Romano. Pregava-se entendido como a partilha um comunismo dos bens de consumo, e não como a socialização dos meios de produção, do processo produtivo. Enfim, não se tinha uma verdadeira concepção científica do comunismo. Embora Engels fizesse essa crítica, ele mostrava também que essa visão correspondia às condições da época, ao nível da consciência possível, dentro daquele tipo de estrutura social, e que, de alguma maneira, representava uma forma de protesto contra aquela situação toda. Depois, com a apropriação do cristianismo pela classe dominante, seu reconhecimento pelo Estado a partir de Constantino, ~~Engels mostra~~ é que se estrutura toda uma hierarquia que copiava a própria estrutura de castas, de estamentos da Idade Media, reproduzindo-a dentro da própria Igreja Católica.

Mas Marx e Engels mostram igualmente que, ainda assim, vão surgir em determinados setores na base da Igreja, sobretudo, já na fase de declínio do feudalismo, muitas manifestações de crítica a esse tipo de religião. Só que naquele universo religioso do momento, elas teriam inevitavelmente de assumir uma forma religiosa também. É o caso das guerras camponesas na Alemanha. Fenômeno que no Brasil se reproduz, por exemplo, com a Guerra de Canudos, do Contestado, onde a rebelião camponesa procura buscar uma justificativa religiosa para interpretar e fundamentar sua luta. Aí então ele

16

aponta um aspecto interessante: ao mesmo tempo que o protesto tinha de assumir uma forma religiosa, em função da mentalidade e a todo o universo da época, também tinha que assumir uma forma herética, exatamente porque a ortodoxia religiosa vigente justificava a ordem feudal, da Idade Média. Qualquer concepção que se colocasse do ponto de vista dos camponeses teria de ser, dentro daquele universo de ortodoxia, uma heresia. E é daí que vem todo o problema do significado histórico e concreto das heresias religiosas, particularmente daquelas que ~~eram~~ possuíam raízes no seio do povo, ~~principalmente~~ sobretudo dos camponeses.

Em suma, acho que o fundamental é apreender o método marxista e analisar o papel social, concreto, da religião em cada conjuntura, e compreender que, em determinada situação ela pode, ao invés de desempenhar um papel de ópio (no sentido de falso consolo, resignação), servir de instrumento para justificar a própria luta, levar a um engajamento.

Por outro lado, faz parte também do marxismo a concepção clara de uma visão materialista, no sentido rigoroso da palavra. Então, se Marx não falou que Deus é o ópio do povo, isso, no meu entender, não significa ~~que~~ que ele admitisse a possibilidade de alguma concepção de Deus, que a crítica dele se dirigisse só a maneira como a fé era entendida ou vivida, ou a maneira como se concebia Deus. Creio que a crítica ~~marxista~~ dele vai a qualquer tipo de concepção de Deus, mesmo àquelas que não traduzem um convite à resignação. Ele parte de uma visão materialista, só aceitando um universo material, rejeitando qualquer idéia de que há outro tipo de universo, outro tipo de ser. Resumindo: Marx e a tradição marxista substituíram o problema da existência de Deus pelo problema da idéia de Deus, tentando entender como essa idéia surge, ~~em~~ que condições e que papel social ela desempenha.

Não sei, Betto, se ~~é~~ é a essa concepção que você estaria chamando de marxismo dogmático. Eu não estaria de acordo. Acho que o dogmatismo não está em afirmar que qualquer forma de fé é incompatível com a visão marxista. Efetivamente, considero que ~~em~~ nesse nível a incompatibilidade existe. Agora, o dogmatismo surge ao não se acompanhar o desenvolvimento das diferentes formas de ~~uma~~ fé e religião e os ~~seus~~ papéis sociais diversos que elas podem

desempenhar. Seria um absurdo um marxista achar que deveria ter a mesma postura diante de um D. Sigaud, de um D. Aloisio Lorscheider e de um D. Pedro Casaldáliga. Dou estes três exemplos porque acho que são casos distintos, três tipos de posição, de atitudes, que exigem posturas políticas inteiramente diferenciadas.

Então, realmente, se ficarmos numa visão simplista sobre religião, a surpresa será mesmo inevitável. E essa surpresa existe muito, também, porque inúmeros marxistas estão ainda marcados pela crítica feita ao pensamento religioso no século XIX, começo do XX, por Lenin, em relação à Igreja ortodoxa russa, que era de fato uma Igreja absolutamente alienada, comprometida com o império czarista, mantida inclusive pelo Estado. Nesse sentido, o indivíduo necessariamente será tomado de surpresa ao tomar conhecimento, hoje, de uma teologia da libertação. Afinal, religião para ele tem que ser necessariamente conformismo, alienação! Mas a surpresa pode ser benéfica, contribuindo para a quebra da rigidez de pensamento e uma análise mais profunda.

Acho também que aí se expressa um outro problema político importante para a esquerda. Muita gente pode achar preferível (e eu já ouvi de alguns esse raciocínio, não estou inventando nada) a permanência da postura tradicional religiosa, porque ela "facilita" o combate ideológico marxista às idéias religiosas como um todo, uma vez que mais facilmente podem ser desmascaradas. Por outro lado, uma outra postura, progressista, da Igreja seria mais "perigosa", porque ela se insere no comportamento operário e popular, disputando a influência ~~com os marxistas~~ com os marxistas.

Eu não partilho desse ponto de vista. A Considero também que ele não tem procedência na tradição marxista e leninista, ~~eu~~ digo, genuína. Recordo-me de um texto básico de Lenin - "Sobre o significado do Materialismo Militante" - em que, após a tomada do poder em 1917, ele propõe editar na Rússia uma série de pensadores enciclopedistas, burgueses portanto, que faziam uma crítica à religião, a diversas superstições religiosas. A crítica deles não era a mesma do marxismo, partiam de pressupostos diferentes e tiravam consequências políticas diferentes, mas Lenin achou útil divulgá-las. E ele faz um raciocínio interessante. Constata que, frequentemente, apresentar uma

posição totalmente diferente - marxismo X obscurantismo religioso - nao consegue qualquer resultado, ja que ~~é~~ existe um bloqueio intelectual e emocional: o individuo, ligado a toda uma realidade tradicional, bloqueia-se intelectual e emocionalmente a tudo que é radicalmente novo. A crítica enciclopedista seria assim uma ponte para uma crítica mais profunda, mais radical.

No meu modo de entender, certas correntes progressistas da Igreja, mesmo às vezes não indo às raízes do problema, podem ser avaliadas, inclusive ao nível teórico, como um importantíssimo instrumento de luta contra as formas mais retrógradas e ultrapassadas de religião, trazendo as discussões, exatamente, para um outro nível, onde vai continuar a haver divergência, o debate, mas já expurgado de uma série de emocionalismos, de preconceitos multimilenares.

- Isso tudo imediatizado pelo compromisso de libertação das classes populares...

Duarte - Um compromisso concreto. Por isso discordo daquele tipo de raciocínio de que falei. É mais: estou convicto de que em nosso processo político, essa relação entre cristãos e marxistas vai ser de maior importância. Existe de fato a necessidade de nos compreendermos, ~~mas~~ com base em três aspectos distintos. Primeiro, a possibilidade de ação comum entre cristãos, não cristãos, marxistas, indiferentes, em torno dos mesmos objetivos, a curto e médio prazo, dentro do movimento operário e popular. Pregar o contrário é exatamente contribuir para a divisão do povo, colocando a contradição religiosa e filosófica como principal, quando elas são ~~essenciais~~ contradições subordinadas.

Segundo, acho que essa luta em comum não significa apenas uma luta imediata: - uma greve, manifestação, etc - mas aponta para uma unidade por um período histórico ~~extenso~~ muito mais longo, uma tarefa histórica de mais largo ~~alcance~~ alcance. Sobre tudo no que diz respeito às correntes cristãs que já evoluíram para uma concepção mais global do processo histórico atual, que aceita <sup>na</sup> opção pelo socialismo, ~~em oposição à religião~~

Um terceiro aspecto é o de que vai continuar havendo a luta de opiniões, das diferentes maneiras de entender o mundo, mesmo depois da revolução. Mas

esse é uma luta essencialmente de idéias, no seio das correntes que comungam dos mesmos objetivos, do mesmo compromisso com o povo. Desse ponto de vista, creio que também há que se rever certas experiências de construção do socialismo, porque nem sempre essa questão foi bem colocada. \*

Por exemplo, se lermos a Constituição da República Soviética Federal da Rússia, <sup>de 1918,</sup> que foi a primeira feita após a Revolução Russa, ainda sob a ação de Lenin, verificamos que o artigo que tratava da liberdade de consciência e de religião dizia o seguinte: "a todos os cidadãos é reconhecida a liberdade de propaganda religiosa e anti-religiosa". Já <sup>no</sup> decreto sobre as associações religiosas de 8 de abril de 1929, portanto <sup>agora</sup> sob a direção de Stalin, existe uma alteração, pequena e sutil mas profunda, que afirma: "todos os cidadãos gozam da liberdade de confissão religiosa e da liberdade de propaganda anti-religiosa." E a Constituição de 1936, também redigida sob a direção de Stalin, confirma esse novo tratamento ~~liberdade~~ declarando: "Para assegurar aos cidadãos a liberdade de consciência, a igreja da União Soviética é separada do Estado e a escola da Igreja, a liberdade de exercer culto religioso e a liberdade de propaganda anti-religiosa são garantidas a todos os cidadãos".

Considero que esse tipo de tratamento não tem nenhum fundamento necessário na concepção marxista-leninista, e não é correto. No entanto, esse é o tratamento padrão. Ele reconhece apenas a liberdade de culto, como uma espécie de sobrevivência inevitável, e tolhe a manifestação de liberdade de expressão de qualquer corrente religiosa, mesmo que progressista. Deseja-se vencer a luta ideológica não pelo confronto, mas pela eliminação pura e simples do adversário. O resultado disso pode ser desastroso para o próprio marxismo, no sentido de que pode conduzir ao florescimento das formas de pensamento mais retrógradas no seio das religiões e das Igrejas cristãs. É o exemplo vivo mais concreto é o da Igreja polonesa, sob um regime dito socialista marxista há vários anos. Ela não representa a corrente mais avançada da Igreja católica. Inclusive, durante as greves operárias de agosto último, em determinado momento ela procurou interferir para frear <sup>o MOVIMENTO e</sup> ~~o movimento~~ <sup>OS TRABALHADORES</sup> a suspensão da <sup>greve,</sup> ~~atividade~~ em função da "ordem social".

Benjamin - Eu queria ~~com~~ apenas recordar uma palavra de Marx, segundo a qual religião não se combate ~~com a política~~ nem com política nem com política, então não é ao nível da constituição que se vai ~~extirpar~~ extirpar o fenômeno.

Duarte - Com um decreto, não é?

Benjamin - Isso, no fundo, seria ~~repetir~~ repetir um erro que os positivistas e liberais já pensaram poder ser um acerto no Brasil.

Queria assinalar ainda que, pessoalmente, vejo com muita simpatia as tentativas de aproximação entre cristãos e marxistas. Teoricamente, tenho certeza de <sup>MA</sup> que <sup>ELAS</sup> não se fechar ou somar em cima dos 100% <sup>VÃO</sup> <sup>MAS</sup> por outro lado, a atitude de fechamento de ambas as <sup>partes</sup> ~~partes~~ só acaba levando à marginalização em relação ao povo. E isso ainda existe muito, especialmente da parte de grupos marxistas, que não se interessam em destrinchar a caminhada dos cristãos para um <sup>A</sup> ~~nova~~ nova configuração de sociedade. Em resumo, acho que está faltando uma visão crítica mais objetiva e menos emocional, menos carregada de sectarismo de ambas as <sup>lados</sup> ~~partes~~ - porque do lado dos cristãos também há aqueles que rejeitam a priori os marxistas.

- Vamos <sup>agora</sup> discutir um pouco sobre as comunidades eclesiais de base.

Fala-se muito no ~~potencial~~ potencial político dessas comunidades, ou do risco delas serem "manipuladas" pelos partidos, ou ainda <sup>em</sup> sua função <sup>essencialmente</sup> política. Como ~~você~~ vocês vêem essas ~~questões~~ questões?

Maria Nilde - Tenho algumas dúvidas a respeito dessa vinculação <sup>entre as</sup> ~~entre as~~ cebs e a política. Sinceramente, não sei se os grupos de Igreja que estão trabalhando em cima dessa temática de comunidade de base tem a clareza de opção para levar o processo até as últimas consequências, conforme a realidade há de exigir. E me parece que, na medida em que não se verifique um encaminhamento político explícito na condução desse processo, no âmbito da sociedade brasileira, o estado autoritário tem toda a condição de encampar uma série de coisas, sob as mais louváveis justificativas. E aí, então, existiria todo um risco de cooptação, talvez inevitável.

Por exemplo, tendo contato com uma comunidade da zona sul de São Paulo, constatei que diversos pais e mães de crianças em idade escolar acharam pre

ferível eles próprios assumir a construção de um barracão para a escola, pagando a professores e arcando com todos os encargos, todas as despesas. Preferiram tomar essa iniciativa em lugar de reivindicar a escola do Estado, do município, a quem, afinal, cabe a responsabilidade e competência de oferecer educação pública.

Outra questão extremamente discutível diz respeito à horizontalidade das comunidades: "padre e povo", "educador e povo", etc. Para mim, essa horizontalidade é falsa. Como é que funcionam os ~~antigos~~ conceitos de liderança nessas comunidades? Pessoalmente, percebo que quando existe a presença do padre na ceb, ou da freira, o grupo fica mais dependente e espera que o religioso designe quem é o seu substituto eventual. Assim, ~~quando~~ nas ~~antigas~~ ocasiões em que falta um padre e ~~quando~~ um leigo então deve dar a comunhão, o ministro da ~~missa~~ eucaristia é <sup>sempre</sup> alguém escolhido pelo padre, e não um camarada escolhido pela comunidade. Também só pode ser homem, ~~mas~~ o que já constitui uma discriminação. Então, o que ocorre? Verificamos que, frequentemente, esse ministro leigo acaba se tornando bem mais rígido do que o padre, exige do grupo uma prática religiosa que nem o padre cobra. —> É o caso de uma comunidade nos confins da zona oeste de São Paulo. O Ministro da eucaristia, logo que foi empossado, na primeira vez que deu a comunhão, indagava aos fiéis: "já se arrependeu dos pecados? confessou?", etc etc. Mas que história é essa?

Daí que eu coloco em dúvida essa afirmação, tão comumente feita, de que a figura do padre se enfraquece na comunidade <sup>de base</sup> de todo aquele poder que ela era ~~e~~ revestida no passado, ou então de que ele não comanda mais a ação do povo, dos seus paroquianos. Ao contrário, observo que muitos grupos ~~que~~ que se intitulam comunidade de base permanecem sob uma orientação muito diretiva, muito incisiva do vigário, sem o qual esses grupos não articulam nenhuma ação.

Finalmente, constato que ainda há uma grande confusão na definição do que é uma comunidade de base. Por exemplo, em Campinas eu encontro uma comunidade - que se diz comunidade eclesial de base - com quatro professores que se reúnem com o padre. O que é que eles fazem? Meditar o Evangelho e verificar se foram bons professores durante a semana. Da mesma forma que na periferia de S. Paulo encontramos grupos de bairro que se reúnem para

debater os problemas do bairro, as questões de trabalho, salário, etc. Ou ainda, como já vi, grupos que se intitulam comunidades de base e desenvolvem uma prática cursilista das mais deslavadas, eu diria. Como a configuração é muito fluida, sem uma intencionalidade clara da dimensão política, permite-se que tudo aconteça em nome das comunidades de base. Há cebs das quais participam patrões, e sinceramente eu não acho que patrão pode ser considerado também como um oprimido, a não ser que tenha "grilos" ~~psicológicos~~ psicológicos e isso seja configurado como opressão a nível individual. Mas uma vez um bispo, que não é retrógrado absolutamente, disse-me que achava justo a pastoral do mundo do trabalho incorporar também empresários, porque eles faziam parte do mundo do trabalho... Considero isso um absurdo!

O fato é que ainda permanece muito confusa <sup>a</sup> delimitação das fronteiras ~~de uma comunidade de base~~ ~~de uma~~ a comunidade de base autêntica - que, ~~no~~ meu entender, seria a formada por ~~grupos~~ estratos sócio-econômicos mais baixos, oprimidos - assim como <sup>das cebs</sup> existe uma grande imprecisão política, ~~que me preocupa muito~~ em todo o processo o que me preocupa muitíssimo.





gerir a própria atividade litúrgica.

Inclusive, hoje já se encara a religiosidade popular de uma maneira diferente, e não pejorativamente, como no passado. Ou seja, a experiência religiosa das classes populares tem elementos ortodoxos e heterodoxos, tanto quanto a religiosidade de um bispo. Certa vez, um teólogo europeu me perguntou se eu não achava que a religiosidade do povo tinha muita superstição. Respondi-lhe então: tanto quanto a dos bispos europeus que acreditam na propriedade privada como uma coisa tirada do direito divino, como acreditam que a verdade pertence a quem detém a autoridade. Enfim, toda essa elaboração sobre a religiosidade popular, a crescente participação das comunidades, cedo ou tarde, há de colocar a questão do poder de decisão dentro da Igreja.

Já no que diz respeito à relação comunidades-política, Igreja-política, tenho uma observação a fazer. Creio que há o perigo de superestimar o trabalho da Igreja, como se fosse a vanguarda do processo social brasileiro. De jeito nenhum. Seria até uma catástrofe se o movimento social brasileiro tentasse levar a Igreja a uma posição de vanguarda. A Igreja tem que ter essa atitude de diaconia libertadora, de serviço, de estímulo de comunidades, de abertura da fé dentro de uma visão social e política, de explicitação política da fé, de anúncio de uma nova realidade que não é essa que aí está, de denúncia da sociedade injusta, enfim, de libertação. Deve ir organizando o povo, estimulando-o a lutar. Agora, respeitando e valorizando a autonomia do movimento popular, do movimento operário, dos ~~partidos~~ partidos políticos, estabelecendo vinculações entre esses vários níveis de atuação e a fé. Acho, aliás, que esse é um grande desafio para a sociedade civil brasileira: ~~como~~ como estabelecer a articulação, sem um caráter excludente, do movimento cristão e a militância política. Digo, sem que um grupo político entre numa comunidade de base e queira reduzi-la ao seu grupo de militância - o que seria um equívoco, um desastre. O desafio é justamente a capacidade dos grupos políticos de fazerem a sua proposta respeitando aquele seu militante que continua militante da comunidade de base, que continua participando do movimento cristão.

Acho realmente que as cabs estão se constituindo num potencial político enorme, que terão uma importância muito grande neste país no futuro. Mas os partidos políticos, a intelectualidade de esquerda, têm de compreender e respeitar os sentimentos religiosos do povo, o entrelaçamento desses sentimentos com a sua vida prática. Por exemplo, eu sei que o D. Claudio tem uma resistência pessoal a rezar o Pai Nosso nas assembleias dos trabalhadores, mas o pessoal pede. E por que? Porque para o pessoal, os trabalhadores, isso tem uma outra conotação, que não tem para a gente. Para nós, parece uma atitude proselitista, baluartista. ~~Para~~ eles, não. Ao contrário, é a legitimação religiosa de sua luta, o sinal de que "Deus está do nosso lado". Nesse sentido, inclusive, acho que a direita e as classes dominantes foram sempre muito sábias. Elas nunca se declararam atéias, pelo contrário, sempre se apropriaram do capital simbólico da fé.

Duarte - Acho que se pode levantar, de fato, uma série de questionamentos - que são mesmo muito heterogêneas -, com relação às comunidades de base, como fizeram a Nilde e o Betto. E acho que a gente deve criticar os defeitos para ajudar as coisas a caminharem mais corretamente. Considero, no entanto, que o movimento básico é positivo. Ele ~~tem uma dinâmica própria~~ desencadeia um tipo de reflexão, de organização, de ação que, apesar de suas desigualdades e limitações, tem uma dinâmica própria, que uma vez desencadeada não há como parar no meio do caminho. Há alguns anos atrás, havia muito pouco de organização do ponto de vista dos cristãos. Hoje, essa situação mudou, e com o decorrer do tempo, uma boa parte desse pessoal pode evoluir para posições bem avançadas. Como ocorreu na Ação Católica, em que o próprio processo foi jogando uma parte considerável do pessoal para a frente.

Benjamin - Quero apenas retomar uma observação do betto em relação à estrutura da Igreja. Essa reivindicação de uma socialização do poder poderá ir muito longe, <sup>levantando</sup> ~~as~~ questões que <sup>ate</sup> para a Igreja que patrocina essas comunidades de base são ainda inatingíveis, como o sacerdócio feminino, a demarcação do sacerdócio comum com o hierárquico, e muitas outras. Enfim, a socialização de tudo isso - bispos nomeados em jogo de bastidores, uma associação

verticalista, rígida, rigorosa, etc.

Comunidades de base habituadas ao debate tenderão a desenvolver necessariamente uma outra visão, fazendo renascer um pouco daquilo que é indicado na própria etimologia da palavra ~~legislação~~ eclesia, isto é, assembleia. Hoje, fala-se em 80 mil comunidades. Já imaginaram se as 80 mil, numa linha mais ou menos homogênea, reivindicarem um dia a socialização do poder, da competência para decidir em matéria de fé, de culto? Terá uma repercussão tremenda dentro da Igreja. E qual a compatibilidade entre uma Igreja que tem essa eclesia com uma comunidade dotada de poder decisório e uma Igreja tão rígida, vertical e monarquicamente organizada como ainda é a Igreja católica?

Creio que a contradição um dia chegará a um limite e então o que ocorrerá? A implosão da igreja Tridentina e o surgimento de uma nova Igreja? O sufocamento desses movimentos? Aí, a gente tem que lembrar que o aparelho ainda está nas mãos dos conservadores e que a hierarquia sempre abre uma porta para fora, como ocorreu com a Ação Católica entre 1964 e 65.

- Por falar em hierarquia, como vocês viram a recente visita do Papa João Paulo II ao Brasil, tomando como referência ~~a~~ Igreja voltada para os oprimidos, ~~subjugados~~ para a libertação?

Benjamin - Ainda é cedo para se saber que precisa influência teve a visita do Papa na Igreja Popular do Brasil. A primeira impressão constatável parece ser a de uma dissipação dos temores que envolveram esta mesma visita: se a palavra dos agentes de pastoral que atuam nesta Igreja representa o seu sentimento - mais do que o seu pensamento -, ela se sentiu e ainda se sente livre para continuar o itinerário até aqui empreendido. Após um primeiro choque com a irrupção das manifestações de massa que responderam à visita do Papa, pôde-se notar uma certa euforia. Passada esta, o estado de espírito das comunidades parece haver voltado à normalidade anterior, apenas mais confiante, como se houvesse superado uma prova decisiva. Certamente, isto não se passa segundo uma homogeneidade total, mas não se notam manifestações de pessimismo.

27

A própria insistência do Papa em que a Igreja se concentre em torno do que lhe é específico, a esfera do religioso, não foi igualmente uma novidade: o problema já estava em pauta quando o Papa falou. De qualquer forma, no caso brasileiro, acho que a visita do Papa João Paulo II não teve o efeito repressivo que, dentro e fora da Igreja, alguns desejavam e outros temiam.

- Maria Hilde - Carregados de um profundo humanismo, os discursos de João Paulo II foram suficientemente amplos, deixando margem até para interpretações dúbias. Com ele tiveram contato autoridades religiosas, civis e militares dos diferentes pontos do país. Recebeu e abençoou pobres e ricos, homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, pretos e brancos, sadios e doentes, intelectuais, professores, estudantes, operários, lavradores, pescadores e favelados. A todos transmitiu pela palavra e pelo calor humano a mensagem evangélica.

É preciso também que se considere o quanto João Paulo II deve ter sido evangelizado no contato com as paisagens humanas de sofrimento e de miséria que retratam a maior parte de nossa população, ao percorrer o Brasil do Centro-oeste, para o Sul, Norte e Nordeste, e ao encontrar com estrangeiros ameaçados pela nova lei do Governo, ou com as mães argentinas da Praça de Maio a pedir pelos seus desaparecidos. Queremos crer que o Papa levou consigo para Roma a imagem da imensa vala entre a opressão econômica que vive nosso povo e o quanto se gastou a pretexto de festejá-lo.

Os que aqui estão, comprometidos com o Evangelho, com a luta pela justiça social, continuam seu trabalho. Como sugeriu Benjamim, este final tranquilizou os inquietos e desagradou certamente os menos evangélicos. Mas se nem toda a Igreja é evangélica, é até natural que se formule a pergunta que tentamos responder.

← Frei Bette - Na minha opinião, o Brasil realmente respirou após 16 anos. Pela primeira vez, as multidões saíram às ruas, para, em festa, saudar João Paulo II.

Ninguém conseguiu se apropriar do Papa. O Governo desejou que ele viesse "pôr ordem na casa" (leia-se: CNBB), como se o chefe da Igreja católica não soubesse exatamente o que se passa em nossa atividade pastoral. Os empresários de São Paulo pediram, em carta de 20 mil assinaturas enviada ao Vaticano, o afastamento de D. Paulo Evaristo Arns. Os progressistas temiam que ele visse conter as comunidades eclesiais de base e condenar a teologia da libertação.